

Sobre as possibilidades do conhecimento histórico

On the possibilities of historical knowledge

SALOMON, Marlon (org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011, 374 p.

Glaydson José da Silva

sglaydson@hotmail.com

Professor adjunto

Universidade Federal de São Paulo

Estrada do Caminho Velho, 333 – Bairro dos Pimentas

07252-312 – Guarulhos – SP

Brasil

Palavras-chave

História; Verdade; Tempo.

Keywords

History; Truth; Time.

299

Enviado em: 9/1/2012
Aprovado em: 12/6/2012

"História, verdade e tempo: três linhas precisas que podem ser tomadas a partir de múltiplas perspectivas". Com esta frase Marlon Salomon – professor da Faculdade de História da Universidade Federal de Goiás – dá início à apresentação do volume, precedida por uma elaborada análise do mesmo feita por Durval Muniz de Albuquerque Junior, como prefácio. Essas palavras iniciais resumem, a justo título, não só o conteúdo tematicamente tratado, mas, também, a diversidade das abordagens, característica comum a muitas coletâneas. Majoritariamente composto por contribuições de filósofos e historiadores, o que *per se* já guarda, em nosso contexto, alguma originalidade, o livro apresenta-se, de fato, como uma importante contribuição para teoria da história no Brasil; em seus diferentes capítulos seus autores se debruçam sobre questões que secularmente interessam à reflexão histórica.

A preocupação com a memória dos eventos passados, o quadro cronológico e uma interpretação dos acontecimentos são elementos de historiografia que são encontrados em muitas civilizações (MOMIGLIANO 2004, p. 55), e a alusão a essas primeiras experiências da narrativa histórica, ora para criticar ou fundamentar-se figura na base do conhecimento histórico posterior. "Da *historie* herodotiana à *história* moderna, passando pela *historia* romana e medieval, a continuidade parece efetivamente clara" (HARTOG 2004, p. 16, grifos nossos). Desse modo, em uma longa tradição interpretativa, de um lado tem-se as necessidades de registro, as concepções de tempo, as ideias de continuidade, a preocupação com o presente, o rompimento com o mítico, com o fantástico, a necessidade de documentos, a impossibilidade de se tangenciar o real e os limites do conhecimento, a busca pela compreensão do total, o imperativo da pesquisa e, de outro, os juízos proferidos, a busca pelas causas e consequências, a crença no que se repete das ações humanas, os vínculos com os poderes oficiais, a história com caráter didático – mestra da vida. Aspectos definidores e presentes, *ab origine*, no ofício dos historiadores, os pontos ora arrolados são de compreensões historicamente variáveis. Presentes na historiografia antiga fundaram a reflexão histórica e perpassam, ainda hoje, o ofício e as preocupações dos historiadores e daqueles que refletem acerca das possibilidades do conhecimento histórico. A obra aqui apresentada retoma muitas dessas questões.

A totalidade dos textos que integra a *História, verdade e tempo* se volta para questões que orbitam o tema do livro, ora privilegiando um, dois, ou todos os aspectos. Esses aspectos aparecem abordados na obra de três diferentes modos: 1) A partir de reflexões nominadamente teóricas acerca da epistemologia da história: "O conceito de anacronismo e a verdade do historiador", de Jacques Rancière; "História, verdade e interpretação a partir da crise dos paradigmas", de Carlos Oiti Júnior; "História, desconstrucionismo e relativismo: notas para uma reflexão contemporânea", de Aarón Grageda Bustamante; "Pode-se melhorar o ontem? Sobre a transformação do passado em história", de Jörn Rüsen; "Tempo e verdade: proposta de critério para um conhecimento histórico confiável", de Estevão de Rezende Martins e "A verdade entre ficção e a história", de Roger Chartier. 2) A partir da obra de autores:

"Foucault, Canguilhem e os monstros", de François Delaporte; "Existência e visão alegórica (Walter Benjamin)", de Luiz Sérgio Duarte da Silva; "Bachelard: verdade e tempo", de José Ternes; "Aristóteles e o fracasso de Tucídides", de Mônica Costa Netto e "Afrontar o perigo: a questão da história da verdade", de Marlon Salomon. 3) A partir de exemplos desenvolvidos, por meio da análise de objetos de estudo específicos: "O real dá-se ao olhar: perspectiva e visualização da verdade nas imagens da Renascença", de Henrique Luiz Pereira e "Por que se escrevia história? Sobre a justificação da historiografia no mundo ocidental pré-moderno", de Arthur Assis.

A variedade de autores, ordinariamente, encontra-se convertida em uma gama de variadas interpretações acerca dos eixos estruturadores do livro, o que evidencia a riqueza de sua contribuição, com a participação de autores nacionais e estrangeiros consagrados na área da teoria da história e de outros, não diretamente relacionados à área, mas, também, com importantes reflexões. Diversos em sua formação, área de atuação e compreensão do tema-objeto do livro, os autores, em suas aproximações e distanciamentos, estabelecem o *estado da arte* do pensamento histórico, com seus limites e dilemas (em contribuições com densidades por vezes muito desiguais) com os quais lidam especialistas e interessados no conhecimento histórico em geral. Proponho nesta resenha uma análise da obra a partir dos três eixos supracitados em que vislumbro as diferentes contribuições.

Reflexões nominadamente teóricas acerca da epistemologia da história

Em um erudito capítulo Jacques Rancière analisa o lugar do anacronismo no pensamento histórico, entendendo-o como o "conceito-emblema com o qual a história afirma sua especificidade" (SALOMON 2011, p. 44), concluindo que "não existe anacronismo", mas modos de conexão de anacronias – "acontecimentos, noções, significações que tomam o tempo de frente para trás. Para Rancière, a multiplicidade das temporalidades e dos sentidos "deveria ser o ponto de partida de uma ciência histórica menos preocupada com a respeitabilidade "científica" e mais preocupada com o que quer dizer 'história'" (SALOMON 2011, p. 49). Por abordar um aspecto nevrálgico do pensamento histórico de modo tão elaborado este texto é, de fato, uma importante contribuição do volume. Em vertente totalmente oposta e assumida como conservadora, ao analisar o contexto dos trinta anos que sucederam o interesse dos historiadores para o campo da linguagem e do significado, no âmbito da representação, no que denomina "era do representacionalismo" (SALOMON 2011, p. 158), Aarón Grageda Bustamante bate-se pela busca da verdade e da objetividade na história, vista a substituição da realidade por representação/entronização do ceticismo, dos preceitos pós-modernos. Crê que "conhecer verdadeiramente o passado permite entender a circunstância presente e situar-se" (SALOMON 2011, p. 183). A visão reducionista do desconstrucionismo, grande monstro combatido por Bustamante, aparece problematizada no capítulo de Carlos Oiti Berbert Júnior, cujo objetivo é mapear "a apropriação dos textos de vários autores ligados à filosofia com o intuito de reforçar ou refutar a capacidade de a história referir-se ao passado" (SALOMON

2011, p. 76). O autor “resgata” o pensamento de alguns filósofos do reducionismo da instrumentalização de suas obras. Tomando um exemplo brasileiro, critica a voz canônica de Ciro Flamarion Cardoso, quando este diz, por exemplo: “Para mim Castoriadais, Foucault, a desconstrução, Deleuze, Derrida e todos os nietzschianos são pensadores de direita” (SALOMON 2011, p. 89).

Ainda nos domínios das possibilidades do conhecimento histórico, e, sobretudo, o lugar que nele ocupa a verdade, Estevão de Rezende Martins preocupa-se com “as condições de produção do conhecimento histórico verossímil e as condições de produção de inserção desse conhecimento em um arcabouço científico plausível e convincente” (SALOMON 2011, p. 292-293). Denomina o que se designa de pós-modernismo de *nova versão crepuscular da teoria do conhecimento*, de cunho cético e idolatria arbitrária do discurso, de cuja *epidemia* (termo usado pelo autor) a história não escapou. Essa crítica contundente do autor parece desmerecer avanços importantes no campo das possibilidades de interpretação do conhecimento, reduzindo-as ao limite. Jörn Rüsen e Roger Chartier, de modo não assertivo e não categórico, diferentemente, desdobram a questão da verdade, a partir, sobretudo, dos limites da interpretação e do intérprete. Para Rüsen, o pensamento histórico não modifica o passado, as *res gestae*, mas o passado se torna “melhor” em relação “ao novo status que ganham os fatos do passado no curso da sua interpretação” (SALOMON 2011, p. 280). Para Chartier, tanto os textos da ordem da ficção quanto aqueles dos registros autobiográficos, documentais, normativos etc, estão na chave de compreensão das práticas e das representações, estando a história dependente *das fórmulas que governam a produção de narrativas* (SALOMON 2011, p. 354), visto pertencer a história à classe das narrativas, mas não concorda, como já descrito em clássico debate com Hayden White, com a sua redução da história a essa instância.

302

Reflexões a partir da obra de autores

A partir da análise do discurso médico feita por Foucault, François Dellaporte situa a história da verdade e o lugar que esta ocupa no pensamento foucaultiano.

No nível em que se situa Foucault, a saber, o da descrição de uma transformação epistemológica, a questão da predicação do verdadeiro, quaisquer que sejam suas modalidades, não é pertinente. Foucault não se interessa nem pelas falsas afirmações cientificamente verdadeiras ou falsas, nem pelas divisões do verdadeiro e do falso em um determinado momento, tampouco pelo “dizer verdadeiro” da história epistemológica. O que Foucault analisa é o próprio discurso como prática, à medida que este define o espaço no qual é preciso se situar para estar “no verdadeiro” (SALOMON 2011, p. 56).

Essa percepção de Dellaporte poderia ser estendida à obra de Foucault em sua quase totalidade. Importante referência histórica de Foucault, Paul Veyne tem suas preocupações com a verdade analisadas por Marlon Salomon, cujo objetivo é “a análise que Paul Veyne faz da maneira como Foucault concebe a verdade, alguns objetivos implícitos nessa análise e o esboço de algumas

hipóteses que podem ser desenhadas a partir disso para um trabalho porvir” (SALOMON 2011, p. 326). Ideias de história e possibilidades do conhecimento histórico a partir de Walter Benjamin, Bachelard e Tucídides são objetos dos capítulos de Luiz Sérgio Duarte da Silva, José Ternes e Mônica Costa Neto. Silva busca localizar o que, na obra de Walter Benjamin, *são as características da condução existencial moderna e da forma de leitura que ela possibilita*. As reflexões acerca do conhecimento histórico em Bachelard, já tratadas *en passant* no texto de Dellaporte são desenvolvidas por Ternes, que busca evidenciar, na obra do autor, sua noção de ciência e o status que nela ocupa a verdade. A contraposição aristotélica entre filosofia, poesia e história e o pensamento histórico de Tucídides, à luz das reflexões de Moses Finley, é o objeto de análise Netto. A riqueza desse conjunto de capítulos encontra-se, sobretudo, no fato de aliar a reflexão teórica ao estudo de casos, em analisando a obra dos diferentes autores arrolados.

Reflexões a partir de exemplos

Verdade, objetividade e capacidade de descrição do mundo de modo objetivo a partir do estudo do Renascimento é o objeto de Henrique Luiz Pereira Oliveira, que busca “pensar as imagens não como representação, mas como a própria construção da possibilidade de existência de um mundo objetivo, real e verdadeiro” (SALOMON 2011, p. 135). A generalização dos conceitos de Renascimento e Ocidente estruturam a análise. O trabalho de Arthur Assis tem no título a explicitação do objeto analisado. Com exemplos que remontam à Antiguidade Clássica, o autor analisa a justificação da historiografia no mundo ocidental pré-moderno, traçando um percurso que permite visualizar da exemplaridade da escrita da história à crítica dessa mesma exemplaridade pelo método filológico.

A leitura de *História, verdade e tempo* apresenta, por fim, a busca pela reflexão de problemas estruturadores do pensamento histórico e de suas possibilidades, evidenciando os diferentes caminhos trilhados por aqueles que se aventuram nessa busca. Professores e alunos de história e interessados em geral muito se beneficiarão dessa obra, que cumpre importante papel no cenário de reflexões de teoria da história, ainda tão incipiente no Brasil.

Referências bibliográficas

HARTOG, François (org.). **A história de Homero a Santo Agostinho**. Tradução de Jacynto Lins Brandão. Belo Horizonte: EdUFMG, 2004.

MOMIGLIANO, Arnaldo. **As raízes clássicas da historiografia moderna**. Tradução de Maria Beatriz Borba Florenzano. Bauru: Edusc, 2004.